

# O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial

Maurício Waldman\*

**Resumo:** A organização do espaço tradicional tem recebido pouca atenção da geografia, consideração que para a África, é particularmente verdadeira. O objetivo deste texto é discutir este tema a partir da árvore que autenticamente é um símbolo do continente: o Baobá. Uma ponderação essencial é que em África, a conceituação clássica de espaço faz pouco sentido em face de inferências culturais específicas de naturalidade e artificialidade. Baseadas num enfoque que valoriza a singularidade do continente estão novas formas de percepção e entendimento do espaço. Na África tradicional, os Baobás constituem um marcador social, indissociável da comunidade aldeã e dos seus dinamismos. Ademais, os Baobás, ao atuarem como fixos, são passíveis de representações que reatualizam o seu papel, mantendo-o como um ícone que anima as novas gerações de africanos e de afro-descendentes no resgate e afirmação de sua identidade.

**Palavras-chave:** Baobá; Espaço tradicional africano; Imaginário tradicional africano; Alterações antropogênicas; Cultura.

*Os frutos da terra fornecem segurança, como também a harmonia das estrelas, que além do mais, fornecem grandiosidade. Deste modo, nos movemos de um para outro: de sob a sombra do baobá, para o círculo mágico sob o céu; do luar para a praça pública, do subúrbio, para a cidade; dos feriados praianos para o deleite das artes sofisticadas; procurando um ponto de equilíbrio que não é deste mundo.*

Yi-Fu-Tuan, Topofilia.

---

\* Doutor em Geografia Humana pela FFLCH-USP e Pós-Doutorando do Depto. de Geografia do Instituto de Geociências, UNICAMP. É colaborador do CEA-USP, conselheiro do Centro Cultural Africano de São Paulo e responsável pela coluna Cartografia de África, do Geocarto - Website de Geografia e Cartografia. Site pessoal: [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br). E-mail: mw@mw.pro.br.

## INTRODUÇÃO

Uma das imagens mais emblemáticas da África são as portentosas árvores conhecidas como Baobá ou *Baobab*. Admite-se a existência de oito espécies do Baobá, todas pertencentes ao gênero *Adansônia*. Destas, seis são malgaches e outra tem por *habitat* as extensões subsaarianas. Apenas uma espécie é extra-africana.<sup>1</sup>

Verdadeiro símbolo do continente, a sociedade tradicional africana reserva carinho apologetico para esta árvore. Certo é que as características do Baobá justificam as emoções que desperta: seu porte magnífico (30 metros de altura e 7 de circunferência), longevidade (séculos ou milênios), capacidade de resistir a longos períodos de seca (concentra 120.000 litros de água) e sua galhada fenomenal (formada por uma ramificação peculiar de galhos e ramos), seduzem qualquer um. Daí a coletânea de contos, lendas e provérbios com foco no Baobá.

## ○ BAOBÁ ENQUANTO UM MARCADOR SÓCIO-ESPACIAL

Mas, os atrativos da árvore não se resumem às suas características naturais. Aspectos práticos contribuem com generoso quinhão de deleites. A árvore é fonte de alimento: as folhas podem ser consumidas na forma de cozidos, saladas ou como tempero (picadas ou em pó); o fruto agridoce – conhecido como *múqua* em Angola – é rico em vitamina C (seis vezes mais que as laranjas) e em cálcio (duas vezes mais do que o leite de vaca); com as sementes secas, se faz um substancioso mingau; quando torradas, se transformam em tira-gosto.

Para completar, sabe-se que a madeira do Baobá é excelente para fabricar instrumentos musicais; do seu cerne, se obtém fibra fortíssima, com a qual se tecem cordas e linhas; em Angola e Moçambique<sup>2</sup>, hábeis carpinteiros ampliam as fendas do seu tronco para criar cisternas comunitárias; enfim, a árvore fornece sombra, óleo vegetal, remédios, celulose, cabaças e corantes. Deste modo, ao reunir tão rico cabedal de virtudes (cf. PEIXOTO, 1989), como o Baobá poderia deixar de granjear afeição por parte das pessoas?

<sup>1</sup> Madagascar concentra seis espécies por ser o centro de origem/diversidade do gênero *Adansônia*, surgida quando a *Pangea* ainda era um continente compacto. Com a deriva continental, seis espécies ficaram circunscritas às terras malgaches, outra ao continente africano e finalmente, uma à Austrália.

<sup>2</sup> Nestas duas nações, os Baobás são comumente chamados de *imbondeiros* ou *embondeiros*.

Por outro lado, somente arrolar aspectos inatos da árvore é insuficiente para entender seu papel na sociedade africana. Aliados às suas benesses naturais, *somam-se muitos valores sociais*. Fato quase alegórico, em milhares de aldeias disseminadas por toda a África, a *Adansônia* irrompe no centro da povoação, revelando o papel que lhe é conferido pela sociedade. Seria o caso de fazer uso da máxima do geógrafo Milton Santos, pela qual estamos diante de um *fixo* a magnetizar *fluxos* do dinamismo social (SANTOS, 1998, 1988 e 1978).

Conferindo: sob a copa do Baobá se reúne o conselho dos anciãos, atuam os contadores de história, as pessoas fofocam e os namorados se encontram. A árvore é o palco de acertos e desacertos, onde as pessoas se unem e se separam. Seja lá o que for, o Baobá testemunha tudo o que de importante acontece na aldeia. Cenário por excelência dos eventos marcantes da comunidade, o Baobá se torna eixo da vida social. Exatamente por isso ele é, acima de tudo, *a árvore da aldeia*.<sup>3</sup>

Dignificados enquanto marco identitário, os Baobás confirmam um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos antepassados, ciosamente resguardado em nome da tradição. Assim, bem mais do que uma árvore, o Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser, suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade.

Nesta via de entendimento, a robustez da árvore e a capacidade em sobreviver por séculos, refletem a perpétua disposição dos povos africanos em continuar a manter sua presença no tempo e no espaço. Ademais, explicitando-se enquanto referência espiritual da vida comunitária, o Baobá assegura que independentemente do que vier a acontecer, ele é repositório da experiência ancestral, cujos ensinamentos, são permanentemente rerepresentados às novas gerações.

Por outro lado, este apanhado de significados sociais e culturais não transita abstratamente pela mente do povo. Isto porque aos Baobás se vincula o modo como o espaço é vivenciado na África tradicional e à sua importância enquanto referência constitutiva da territorialidade e de seus dinamismos. Nesta averbação, aos Baobás se vinculam processos de esculturação do meio natural, animando os modelados antropogênicos que substituíram ao longo do tempo histórico o meio natural encontrado pelos humanos.

<sup>3</sup> Esclarecendo: conquanto outras espécies estejam revestidas deste papel, nenhuma delas agremia a primazia e a notoriedade dos Baobás.

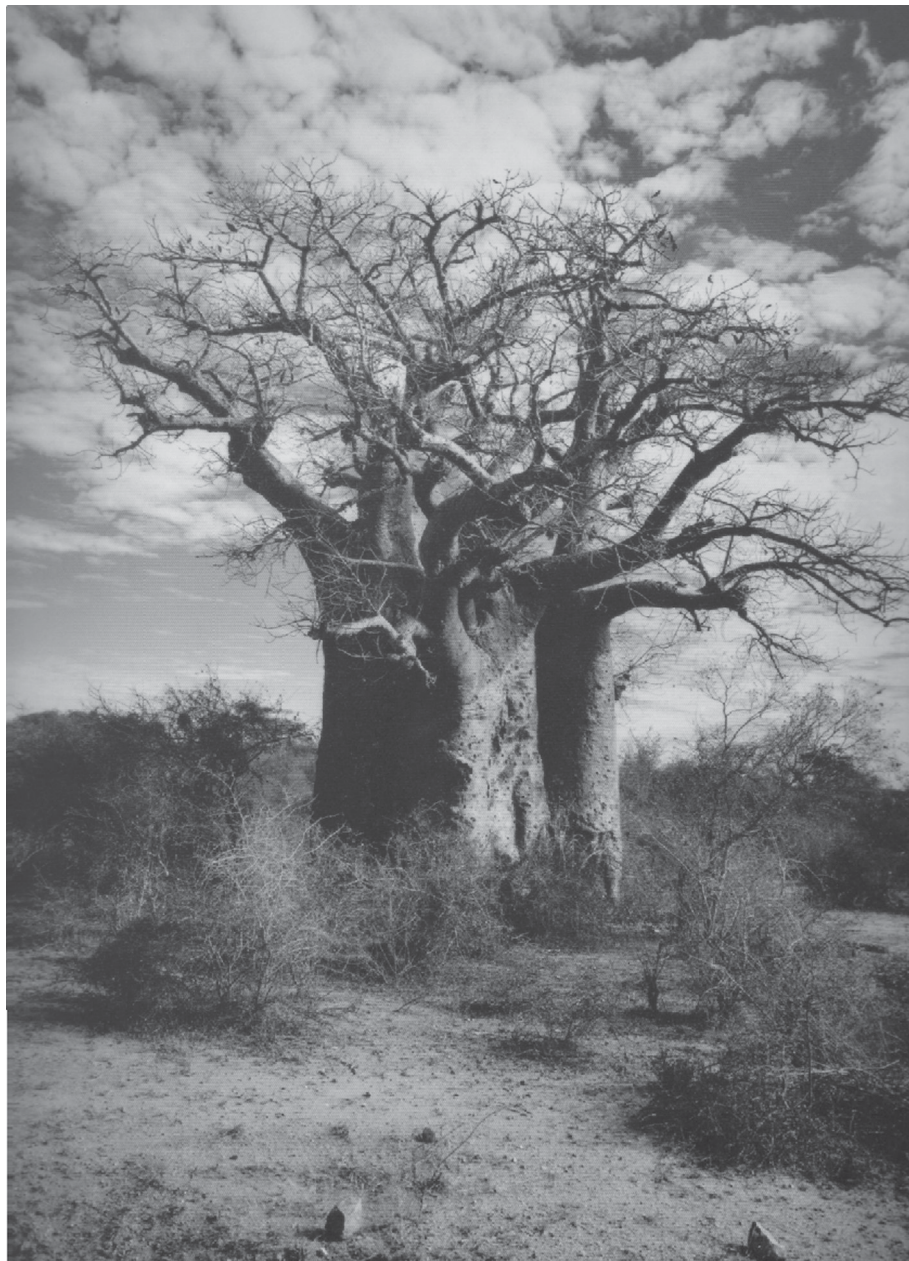
Tal assertiva difere tremendamente das concepções pautadas pela ciência ocidental quanto à transformação do meio natural. Postulando o entendimento de que transformar a natureza significa sobrepô-la com objetos técnicos e substituí-la por uma paisagem artificial, carpintejada (SANTOS, 1988 e 1978; TUAN, 1980), colocar em discussão ações antropogênicas mantendo parceria com elementos oriundos da natureza – no caso, os Baobás – poderia, em razão de primados acadêmicos hegemônicos, até mesmo sugerir um despropósito.

Na realidade, compreender a organização do espaço africano reclama identificar os móveis que respaldaram seu surgimento, diferentes dos conceitos que regem a mentalidade ocidental. Nesta via de entendimento, vale registrar que o ocidente, pautando como válida apenas sua modalidade de transformação da natureza, recusou-se terminantemente a legitimar proposições de organização do espaço e dos elementos que o constituem, desenvolvidas pelas sociedades extra-europeias.

O mundo ocidental, ao trabalhar paradigmas de natureza em estado puro ou original – e nesta linha de raciocínio, “congelando” contextos ecológicos ao abstraí-los de sua historicidade – declinou da preocupação de analisar os processos específicos de artificialização da paisagem encetados pelas demais civilizações. Esta postura respaldou, no caso africano, interpretações que enquadraram a totalidade do continente enquanto um “domínio natural” carente de intervenção humana e por extensão, na categorização das suas populações como incultas, atrasadas e selvagens (cf. WALDMAN, 2010, 2009, 2008, 2006 e 2003).

Todavia, é importante advertir para a existência de um longo, árduo e persistente trabalho de esculturação da paisagem por parte das sociedades tradicionais africanas. Aliás, a África, sendo o *Berço da Humanidade*, foi, antes que qualquer outra parte do mundo, o primeiro continente a observar a insistência do trabalho humano em modelar o meio natural. Apoiada nas primeiras e notáveis descobertas do gênio humano – como o uso do fogo e de ferramentas, técnicas de construção, metodologias de orientação espacial, domesticação dos vegetais e animais, a matemática e a astronomia, etc. – a ação antrópica se desenrolou ao longo de centenas de milhares de anos, resultando em alterações fenomenais da natureza original.

Certamente nada disto foi levado em consideração pela ciência ocidental. Pelo contrário, ignorando tais premissas – inclusive com o respaldo de ajuizados



Além da sua proeminência no imaginário tradicional, o Baobá mantém-se como ícone na África Moderna. Hoje em dia, é a árvore nacional de Madagascar e emblema nacional do Senegal (Foto: BARBIERI, 1997).

racistas – os geógrafos do período colonial se sentiram à vontade para rubricar como “naturais”, áreas que na realidade foram intensa e extensivamente manipuladas pelo homem africano, na verdade, agente fundamental para compreender a configuração geográfica de amplas áreas do espaço africano. Nesta aferição poderíamos citar o caso dos campos de Ruanda. Neste país, sucessivos arroteamentos promovidos pelos pastores Tutsi induziram o recuo da mata equatorial em proveito de pastos, um tecido vegetal herbáceo dantes inexistente. Contudo, tais extensões de gramíneas foram sumariamente catalogadas pela cartografia europeia como “campos naturais”, um veredicto obviamente alheio aos processos históricos que precederam ao surgimento desta paisagem.<sup>4</sup>

Outrossim, num sentido contrário – qual seja, suscitando a expansão das florestas – a literatura científica aponta o caso dos *Senufu* da África Ocidental. No território ocupado por este povo – grosso modo as savanas da Costa do Marfim, Mali e Burkina Fasso – encontramos os *Sizanga*, trechos de matas nos quais esta etnia pratica seus rituais ancestrais. Mas, acontece que tais florestas não constituem propriamente uma área natural. Na verdade, o *Sizanga* deve sua origem a adensamentos arbóreos apoiados por interdições religiosas que definiram certos espaços como sagrados, visitados exclusivamente em obediência a um rígido calendário cerimonial. Ora, isto simplesmente significa que tais matas são decorrentes de sanções sociais – que induziram sua irrupção e as mantiveram – não sendo cabível, de modo algum, julgá-las como afloramentos espontâneos da naturalidade.

A incompreensão das acepções africanas de transformação do meio natural, onde os limites entre naturalidade e artificialidade não são claros ao olhar ocidental<sup>5</sup>, resultou em equívocos de toda ordem. Assim, frequentemente a visão europeia codificou territórios dotados de função social para a sociedade tradicional como supostamente devotados a um não-uso e, por conseguinte, “vazios”, parte da natureza. Neste sentido, a avaliação do espaço habitado em África deve levar em consideração as lógicas especificamente africanas de apropriação da natureza e na sequência, metodologias diferenciais que

<sup>4</sup> Processos semelhantes aconteceram em muitas outras seções do espaço africano, caso dos *Lele* da região do Kasai (Ex-Katanga, ao Sul da atual República Democrática do Congo), responsáveis pela savanização antrópica de largas extensões de floresta (DOUGLAS, 1959).

<sup>5</sup> É importante advertir que o homem africano possui ciência das alterações provocadas no ambiente. Por exemplo, o conhecimento tradicional dos *Mpangu*, habitantes do território *Bakongo*, reconhecia e diferenciava os *nkunku*, bosques cultivados, dos *mfinda-nsitu*, florestas naturais dispostas em galerias (SALUM, 1996, p. 68).



evoquem as singularidades da transformação do meio natural por parte dos povos do continente.<sup>6</sup>

Necessariamente, a interpretação da organização do espaço em África implica em reconhecer as modalidades próprias adotadas pelos africanos para assimilar as pulsões da natureza, via de regra, mantendo uma parceria com a naturalidade. Neste primado, os fluxos ecológicos foram orientados de modo a induzir sua difusão em meio à territorialidade que emerge da transformação do ambiente natural, construída através de uma parceria com a natureza, e não em oposição a ela. Disto resulta ser comum encontrarmos no espaço africano marcadores espaciais resultantes não de uma esculturação, mas sim, da apreensão direta de um elemento da natureza, deliberadamente implantado ou transplantado para outros pontos do espaço habitado.

Nesta senda, as virtudes descritas dos Baobás certamente garantiram-lhe posição privilegiada dentre as opções ao alcance dos africanos para consolidar a construção do espaço. Oriundo do meio natural, o Baobá foi, outrossim, plotado em pontos de destaque da espacialidade, passando a atuar como um autêntico objeto espacial, dotado ademais de enorme força inercial, magnetizando os dinamismos presentes no espaço.<sup>7</sup>

Um bom exemplo são as famosíssimas árvores ensandeiras do reino do Ndongo, um Estado tradicional angolano. Denominadas *múlêmba*, tais árvores do poder representavam simbolicamente a ordem instituída e as ligações do mundo dos vivos com o dos mortos. Portanto, eram coerentemente plantadas no centro de toda aldeia do território Ndongo, empreitada altamente perdurável e reincidente na evocação dos direitos ancestrais.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> “Muitas vezes o que imaginamos natural não o é, enquanto o artificial se torna ‘natural’ quando se incorpora à natureza. Nesta, as coisas criadas diante dos nossos olhos e que para cada um de nós é novo, já aparece às novas gerações como um fato banal. O que vimos ser construído é, para as gerações seguintes, o que existe diante deles como natureza. Descobrir se um objeto é natural ou artificial, exige a compreensão de sua gênese, isto é, de sua história” (SANTOS, 1988, p. 75).

<sup>7</sup> As terminologias *objeto espacial* e *força inercial* correspondem a conceitos elaborados pelo geógrafo Milton Santos. Neste artigo, o primeiro refere-se ao acréscimo resultante da intervenção humana, passível de redefinir os fluxos originais do meio natural. O segundo, à capacidade destes mesmos elementos revivificarem processos e dinamismos do espaço habitado (cf. SANTOS, 1999, 1998, 1988 e 1978).

<sup>8</sup> Por sinal – e no que seria altamente revelador da importância das árvores *múlêmba* para o sistema de pensamento e das práticas sócio-espaciais concretas da população do Ndongo – os colonialistas portugueses, com o fito de destruir a memória do espaço ancestral e abrir caminho para a desapropriação das terras dos autóctones, encetaram ações sistemáticas de eliminação destas árvores.



A célebre Avenida dos Baobás, monumento nacional de Madagascar, formada por exemplares da *Adansônia grandidieri*, endêmica deste país. Imagem icônica de uma forma africana de apropriação da natureza. [<http://www.dailycognition.com/content/image/20/trees/baobab-avenue.jpg>]

Em todo o continente, dentre os elementos topologicamente invariantes da articulação do espaço, o ponto fixo constituído pela árvore da aldeia é um memorável marco da atuação humana. O Baobá constitui uma das manifestações genuinamente africanas pelas quais a naturalidade encontra na sociedade a celebração da artificialidade. Assim, mesmo quando as comunidades desaparecem fisicamente, os Baobás se mantêm enquanto última reminiscência da articulação espacial do passado.<sup>9</sup>

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que ponderamos, fica explícito que os Baobás não configuram elementos propriamente naturais dispostos aleatoriamente na paisagem. Pelo contrário, sintetizam a ação do homem no espaço, presente ou pretérita.

<sup>9</sup> Referendando tal apreciação, eis como tal evidência aparece no relato de Sundjata Keita, herói fundador e soberano do Império do Mali: “os *Baobás e outras árvores gigantescas que vês* [no território do povo Mandinga], são os únicos vestígios das cidades desaparecidas” (NIANE, 1982, p. 121).



Por isso mesmo, frequentemente os africanos observam nesta árvore uma evocação do espaço habitado, e a ela recorrem com o fito de localizar no espaço a materialidade de uma antiga vivência social. Isto, a despeito de eventualmente reportarem lapsos de um tempo quase imemorial.

Complementando, seria meritório argumentar que o Baobá não pode ser restringido à condição de mera recordação do passado da comunidade ou dos grupos. Pelo contrário, para o mundo africano e afro-descendente ele é o próprio símbolo de uma identidade imorredoura, que resistiu a todas as intempéries da História. Nesta senda, tanto quanto a memória ancestral, o Baobá permanece em seu posto: imbatível, altivo e atuante.

E mais: numa clara demonstração de que as prefigurações imaginárias do espaço são permanentemente reatualizadas a partir de contextos específicos – que modelam ou reconstroem sua figuratividade – os Baobás ressurgem das profundezas da memória investidos de novos papéis. Eles agora reaparecem para condenar a utilização predatória dos recursos naturais, defender a inviolabilidade dos territórios das populações tradicionais, resgatar o acervo cultural de grupos oprimidos e apoiar a libertação dos povos não-representados.

O Baobá, símbolo da africanidade, incorpora como vimos múltiplas prefigurações, subsidiadas, é claro, por suas qualidades naturais intrínsecas. Virtudes estas que expressam, em si mesmas, a aspiração africana em manter suas raízes e resistir às forças que pretendem desqualificá-la, inferiorizá-la e oprimi-la.

Assim, o Baobá continua a inspirar as novas gerações de africanos e afro-descendentes na afirmação de sua identidade. Mais do que uma árvore, o Baobá tornou-se um símbolo civilizatório, baluarte da memória africana, no seio do qual muitas comunidades encontram abrigo e esperança.

Anseio este que tem no Baobá um aliado a toda prova.

*São Paulo, Brasil, Agosto de 2011.*



Seção da base do monumento em homenagem a Agostinho Neto, Avenida Ho Chi Minh, em Luanda, Angola. Neste mosaico, o Baobá marca o caminho da guerrilha africana na luta para expulsar os invasores colonialistas estrangeiros (Foto: Professora Thelma Lucchese Cheun, Universidade Federal Mato Grosso do Sul, Luanda, 24-09-2010).

**Abstract:** The traditional organization of space has received little attention in geographical works, which account for Africa is particularly true. The aim of this paper is to discuss this subject from the tree that is truly a symbol of the continent: the Baobab. A key consideration is that in Africa, the classical concept of space makes little sense in light of specific cultural inferences of naturalness and artificiality. Based on an approach that does the uniqueness of the continent, we have new forms of perception and understanding of space. In traditional Africa, the Baobab is a social marker, inseparable from the village community and its dynamics. Moreover, the Baobabs, by acting as fixed representations that are likely to revitalize the role, keeping it as an icon that inspires new generations of Africans and african descent in the rescue and affirmation of their identity.

**Keywords:** Baobab: African traditional space: African traditional imaginary: Anthropogenic changes: Culture.

## BIBLIOGRAFIA

BARBIERI, Gian Paolo. Madagascar (photos). Berlim: Taschen, 1997.

BAUM, D. A.; SMALL, R. L.; WENDEL, J. F. Biogeography and floral evolution of baobabs (*Adansonia*, Bombacaceae) as inferred from multiple data sets. *Systematic Biology*, v. 47, p. 181-207, EBSCO Publishing, 2002.

CHRÉTIEN, Jean Pierre. Hierarquia e trocas nos Reinos dos Grandes Lagos do Leste Africano. In: Para uma História antropológica, Coleção “Lugar da História”, n. 2, Edições 70, Porto, 1978, p. 48.

COELHO, Virgílio. Em busca de Kábasa: uma tentativa de explicação da estrutura político-administrativa do Reino do Ndongo. Luanda: [s.n.], 1995(a). Texto mimeografado.

\_\_\_\_\_. A Cidadela Real de Mbánza á Ndóngo: contribuição para o conhecimento da organização administrativa e urbana de uma aglomeração africana ao sul do Equador em fins do século XVI. Luanda: [s.n.], 1995(b). Texto mimeografado.

COUTINHO, Leopoldo Magno. Queimadas e floração. Suplemento Cultural OESP, n. 13, ano I, p. 4-5, São Paulo, 1977.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Úmidas Brasileiras, Universidade de São Paulo, 1994.

DOUGLAS, Mary. Los Lele de Kasai. In: *Mundos Africanos - Estudios sobre las Ideas Cosmologicas y los Valores Sociales de Algunos Pueblos de Africa*. FORDE, Darill (Org.). Cidade do México e Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1959.

GILIOI, Renato de Sousa Porto. Representações do negro no modernismo brasileiro: artes plásticas e música. Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura - Programa de Ação Cultural, 2008. São Paulo: Best Book, 2009.

HARRIS, David H. A ecologia humana em meio ambiente de savana. *Revista do IBGE*, ano 44, Rio de Janeiro, jan-fev 1982.

LEITE, Fábio. Penyakaha. *Revista África, Centro de Estudos Africanos – USP*, n. 9, São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. O Poro. São Paulo: FFLCH-USP, 1993. Texto mimeografado.

NIANE, Djibril Tamsir. Sundjata ou a epopéia mandinga. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Autores Africanos, n. 15)

PAIXÃO, Marcelo. Um balanço das ações afirmativas para afrodescendentes no sistema de ensino brasileiro. In: *Relatório Direitos Humanos no Brasil 2010*. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2010.

PEIXOTO, Aristeu Mendes (Org.). Enciclopédia Agrícola Brasileira. São Paulo: Edusp, 1989.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. A Madeira e seu emprego na arte africana; um exercício de interpretação a partir da estatuária tradicional bantu. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH Universidade de São Paulo. 1996;

SANTOS, Milton. A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. Por uma Geografia nova. São Paulo: Edusp, Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998. (Coleção Geografia e Realidade, n. 25).

SLAVIERO, Dirce et URBAN, Loiva. Padoko, Padoko - uma experiência na África negra. Passo Fundo (RS): Battistel, 2007. (Coleção Lousas, pesquisa em Educação, n. 2).

TUAN, Yi Fu. Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

WALDMAN, Maurício. Arquétipos, fantasmas e espelhos. Geosp, n. 23, Revista de Pós-Graduação da Geografia – USP, São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/antrop\\_arquetipos\\_fantasma\\_e\\_espelhos.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/antrop_arquetipos_fantasma_e_espelhos.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. Cartografia de África: mapas, toponímia e modelos de percepção. São Paulo: [s.n.], 2010. Disponível em: <http://geocarto.org/mapToponimiaMW.html>. Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. Força vital, tempo e espaço - a topologia do imaginário africano tradicional na crônica “Griot” de Sundjata Keita. Revista África, n. 20-21, São Paulo, Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/antrop\\_africanidade\\_espaco\\_e\\_tradicao.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/antrop_africanidade_espaco_e_tradicao.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. Imaginário, espaço e discriminação racial. Geosp, n. 14, Revista de Pós-Graduação da Geografia – USP, São Paulo, 2003. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/antrop\\_imaginario\\_espaco\\_e\\_discriminacao\\_racial.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/antrop_imaginario_espaco_e_discriminacao_racial.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. Meio ambiente & Antropologia. São Paulo: Senac, 2006. Mais informação: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop\\_meio\\_ambiente\\_e\\_antropologia&c=a](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_meio_ambiente_e_antropologia&c=a).

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço imaginário. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo, FFLCH, Universidade de São Paulo - USP, 1997. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/antrop\\_metamorfoses\\_do\\_espaco\\_imaginario.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/antrop_metamorfoses_do_espaco_imaginario.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. O fabuloso Reino dos Mansas do Mali. Anexo de Memória D'África - a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007, p. 311-313. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/antrop\\_fabuloso\\_reino\\_dos\\_mansas\\_do\\_mali.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/antrop_fabuloso_reino_dos_mansas_do_mali.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. O imaginário de África na cartografia de Guilherme Blaeu. In: Vários. Atas do III Seminário das Relações Interétnicas e Igualdade Racial e Cultural na Educação. Poços de Caldas: [s.n.], 2009. Disponível em: [http://www.mw.pro.br/mw/geog\\_imaginario\\_de\\_africa\\_na\\_cartografia\\_de\\_guilherme\\_blaeu.pdf](http://www.mw.pro.br/mw/geog_imaginario_de_africa_na_cartografia_de_guilherme_blaeu.pdf). Acesso em: 30/08/2011.

\_\_\_\_\_. Templos e florestas: metamorfoses da natureza e naturalidades da metamorfose. São Paulo: FFLCH-USP, 1992. Fotocópia. Mais Informação no endereço eletrônico: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=geog\\_templos\\_e\\_florestas&c=g](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=geog_templos_e_florestas&c=g).

WALDMAN, M. e SERRANO, C. Memória D'África - A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007. Mais informação no endereço eletrônico: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop\\_memoria\\_d\\_africa&c=a](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_memoria_d_africa&c=a)